

Proposta Pedagógica para o Ensino do Voleibol na tendência Crítico-Superadora em Turmas de 4º e 5º ano na Escola Infância no Sesi de Guaxupé-MG

Júlio César Rodrigues da Cruz¹, Mateus Camargo Pereira², Jonathan Tavares Dias³ e Andre Luiz Petrolini⁴

¹Instituto Federal do Sul de Minas – Campus Muzambinho, Muzambinho, MG, efjulioacruz@yahoo.com.br ²Instituto Federal do Sul de Minas – Campus Muzambinho, Muzambinho, MG, matunicamp@yahoo.com.br ³Instituto Federal do Sul de Minas – Campus Muzambinho, Muzambinho, MG, Jonathan_pq2@yahoo.com.br ⁴Escola Superior de Educação Física de Muzambinho, Muzambinho, MG, andrepetrolini@yahoo.com.br

Introdução

O presente trabalho teve como objetivo construir uma sequência pedagógica para o ensino do voleibol na tendência crítico superadora em turmas de 4º e 5º ano do ensino fundamental na Escola “Infância no Sesi” (Peres e Cruvinel Cia. Ltda.), no Sesi Guaxupé – MG.

Abordamos a existência da modalidade oficial e seu contexto histórico, buscando alternativas para que pudéssemos utilizar outras formas de se jogar voleibol nas aulas de educação física. Na tendência crítico- superadora, o esporte sendo tema da cultura corporal, evidencia o sentido e significado de valores no seu contexto sócio- histórico. Nessa tendência o conhecimento e domínio dos elementos técnicos e táticos não são desconsiderados, mas também não são exclusivos e únicos conteúdos do tema trabalhado. O voleibol traz consigo a contradição do erro/acerto, fazendo-o constatar o quanto seria monótono uma partida em que a bola não nunca caísse ou que caísse sempre no primeiro lance. O erro pode ser utilizado como ato educativo, pois ele deixa de fortalecer o sentimento de fracasso, superando- o e assim auxiliando no processo pedagógico como fator educativo; o acerto não permitiria o sentimento de vitória e dominação do adversário; permitiria a superação dos seus próprios erros na execução (SOARES et al, 1992).

A tendência crítico-superadora tem como ponto de vista a crítica à sociedade capitalista em que vivemos. Esta sociedade favorece a burguesia, representada pela minoria, em relação à classe trabalhadora, representada pela maioria. Em cima deste parâmetro social, essa concepção pedagógica tem como foco trabalhar com a superação desta sociedade capitalista transformando esses fatores comprometedores, como exclusão dos menos

habilitados, do mais fraco, que por consequência, refletindo a situação de desigualdade social entre as classes (SAYÃO, MUNIZ, 2004).

Material e Métodos

A amostra foi constituída em aproximadamente 21 estudantes em turmas de 4º e 5º ano da Escola Infância no SESI, de natureza particular, em Guaxupé, do gênero masculino e feminino.

Para participar desta pesquisa os pais ou responsáveis dos alunos assinaram o Termo de Participação Consentida (Contendo: objetivo do estudo, procedimentos de avaliação possíveis consequências, caráter de voluntariedade da participação do sujeito e isenção de responsabilidade por parte do avaliador e da IFSULDEMINAS).

Foram utilizados para a aplicação das aulas: bolas de voleibol de tamanho e peso oficial, rede de voleibol e filmadora digital.

A coleta de dados foi realizada da seguinte forma:

- 1) Filmagem das aulas - para que pudéssemos identificar detalhes do processo pedagógico;
- 2) Diário de campo: foi feito uma observação aula por aula, relatando se aconteceram situações associadas às categorias de análise elencadas: diagnóstico, julgamento e transformação - para que pudéssemos registrar falas e situações do processo pedagógico associado à análise das categorias de análise: diagnóstico, julgamento e transformação.

O diagnóstico é o conhecimento que está sendo abordado, ou seja, a análise da realidade que cerca o aluno; o julgamento - o aluno juntamente com os seus colegas irá julgar os elementos de ordem técnica, tática e moral, buscando soluções que favoreçam sua participação no jogo e sua visão de classe; a transformação - são as soluções ocorridas no decorrer do processo que é a superação dos elementos identificados como prejudiciais à sua perspectiva de classe social.

Como procedimentos foram aplicadas 6 aulas de 45 minutos, nas turmas de 4º e 5º do ensino Fundamental na Escola Infância no SESI de Guaxupé- MG. As aulas foram filmadas e registradas em diário de campo. As aulas 1 a 4 e 6 foram vivências de situação de jogo; a aula 5 foi um debate em sala, em virtude da chuva.

Resultados e Discussão

De acordo com o relato realizado no diário de campo, obtivemos os resultados:

Na aula 1, tivemos por objetivo construir com os estudantes uma ideia básica sobre o jogo de voleibol, baseado na necessidade de manter a bola no alto o maior tempo possível. Isso foi rapidamente compreendido por eles. Entretanto, não se atingia o objetivo, pois eles

jogavam de forma individual, desconsiderando a existência do colega ao lado. Após um rápido debate um estudante levantou uma questão: "por que não tocamos a bola algumas vezes antes de passar para o outro lado"? Tal conclusão mostrou que havia um julgamento pautado nas necessidades táticas do jogo para que se atingisse o objetivo e um juízo de valor, de mais pessoas tocar na bola. A proposta desse e de outros alunos era uma transformação do jogo pautada pela maior participação de todos. Ainda que houvesse algumas dificuldades em colocar em prática a proposta, foi aceita pela maioria.

Na aula 2, tivemos por objetivo construir um jogo baseado na necessidade de ter que passar a bola em mais pessoas antes de devolver ao outro lado da rede. Entretanto, os alunos não conseguiam passar a bola sem segurar, mas atingiram a proposta que era passar a bola por mais pessoas. Com isso, surgiu uma proposta num rápido debate no decorrer da aula: "porque não passamos a bola sem segurar? Pois o jogo fica chato e parado, até mesmo desmotivado." A proposta deste aluno não seria uma transformação da realidade das condições de jogo para o grupo, pois para a maioria segurar a bola é o ideal para que mais pessoas joguem. Essa proposta ficou de ser avaliada na aula seguinte.

Na aula 3, baseado no debate feito no final da aula anterior, os alunos entraram em acordo e através da minha intervenção foi feito um desafio: a proposta dos alunos era passar a bola seis vezes antes de devolver ao outro lado da rede. O desafio proposto então era poder segurar somente três vezes antes de passar para o lado oposto. Com o decorrer da aula foi feita outra intervenção: colocar mais uma bola no jogo para que pudesse ficar mais dinâmico. Os alunos indagaram: "o jogo está difícil de acompanhar com as duas bolas ao mesmo tempo," e com isso, os próprios alunos começaram a entender que mesmo o jogo tendo uma dinâmica mais lenta, o importante é atingir o objetivo do jogo que na visão de mundo deles é fazer com todos tenham uma participação ativa no jogo. No momento em que a proposta de mais de uma bola no jogo foi negada, mostrou-se uma necessidade de superar o fato de que o jogo teria que ser mais dinâmico, mais rápido; essa transformação foi marcada pela proposta dos alunos que preferiam matematicamente contar quantos passaram a bola para depois dar continuidade ao jogo.

Na aula 4, a atividade proposta aos alunos foi um desafio para que sacassem de diversas formas, incluindo altura, distância e maneiras de bater na bola. Os alunos tiveram como diagnóstico a compreensão que o saque foi uma maneira de colocar a bola em jogo, mas como em aulas anteriores a bola já havia sido colocada em jogo, essa vivência foi uma descoberta de que pode colocar a bola sacando com braços, mãos, até mesmo utilizando estratégias táticas como força, altura e distância do saque. O saque foi um fundamento que

quebrou a dinâmica do jogo, pois dificultava o passe, prejudicando a continuidade do jogo. Também se sacava muito para fora da quadra. Houve um ato judicativo de um dos alunos, de que o saque utilizado com variação de distância e altura atrapalhava o jogo devido ao fato que alguns colegas se perdiam nas bolas que subiam muito alto. Houve uma indagação: “aquela menina fica procurando a bola no alto e quando ela cai não consegue segurar a bola”. Surgiu uma proposta: jogar a bola sem sacar. Depois que a bola fosse passada em mais colegas, utilizava o fundamento saque para devolver a bola, com isso, mostrou o momento de superação com o princípio de coletividade do jogo sobre a priorização da técnica. Essa proposta fez com que os alunos além de assimilar o gesto técnico, a proposta de ter maior o número de participantes em ação no jogo não é deixado de lado.

Na aula 5, a atividade proposta aos alunos foi um debate em sala de aula, refletindo sobre o conteúdo que foi trabalhado em aulas anteriores. Essa aula aconteceu na sala devido à chuva imprevista no início da aula. Foi feita uma proposta interrogando o que é voleibol na concepção deles. Os alunos rapidamente diagnosticaram que é passar a bola em várias pessoas, um jogo que é dividido por uma rede, demonstra organização e trabalho em equipe, uma brincadeira, etc. Um ato judicativo mostrou que o voleibol pode ser uma brincadeira, mas uma brincadeira levada a sério. Uma aluna indagou: “o voleibol é um jogo muito legal, mas precisa de muita organização e trabalho em equipe, se não levarmos a sério essa organização, fica difícil jogar, porque tem gente que sempre atrapalha nas aulas, tem gente que não gosta de participar e tem condições de jogar e fica parado no meio da quadra, e por isso alguns acabam jogando sozinhos”. A concepção de jogo que a aluna possui é fantástica, pois ela sempre sugere estratégias e críticas. No debate ela conseguiu visualizar a diferença do jogo que jogamos em nossas aulas na escola e o jogo que ela e mais colegas já tinham visto pela televisão. O comentário que a estudante colocou em debate, proporcionou uma visão nova sobre o jogo, pois os alunos em conjunto utilizarão a cooperação que irá superar a lógica de individualismo.

Na aula 6, a atividade proposta aos alunos foi um desafio. Eles foram separados em três equipes. Enquanto duas equipes jogavam, a outra orientava. Os alunos foram divididos em equipe 1, 2 e 3; jogaram primeiramente as equipes 1 e 3. A equipe 2 dividiu-se pelos cantos da quadra nos espaços que mais tinham jogadores. O momento em que o jogo perdia continuidade os integrantes da equipe 2 rapidamente auxiliavam, sugerindo uma melhor ocupação de espaço no jogo, o posicionamento em quadra para que pudessem chegar até a bola para passar. Isso acontecia constantemente nos dois lados da quadra. Um momento do jogo em que um aluno indagou: “joga direito“, isso gerou um ato judicativo, pois qual o

motivo de não estar jogando direito? Então reunimos a equipe 2 num canto e fazemos um diálogo de quais os motivos que levavam o jogo não estar supostamente de acordo com a proposta. Um aluno fez uma afirmação: “os dois times tem que posicionar melhor na quadra, porque se tiver tudo organizado fica fácil de chegar à bola.” Com os fatos que foram debatidos, os alunos da equipe 2 foram orientando as duas equipes. Outra indagação chamou a atenção: “Aquele ali fica olhando para cima e dormindo na quadra”. Isso gerou um desconforto para muitos, pois isso não era a realidade. A intervenção feita por mim era que alguma coisa estava deixando aquelas pessoas perdida; conseqüentemente, sem vontade de jogar. Algumas propostas relevantes mostraram o momento de transformação da essência do jogo naquele momento: os jogadores organizados passaram a pedir mais interação desses alunos que supostamente poderiam estar desmotivados, com isso eles passaram a ter participação maior no jogo e o entrosamento melhorou. No decorrer da aula foi feito um rodízio para que as outras equipes também orientassem.

Soares et al (1992) nos fala que o voleibol deve ter como prevalência um pensamento de ideologia de jogar a dois ou mais pessoas com o propósito de jogar com o companheiro e não com o adversário, a lógica do coletivo deve superar o individualismo. Foi o que ocorreu nas aulas, pois na visão de mundo dos alunos, o grupo todo deveria ter o direito de participar fazendo de sua parte, uma contribuição ao conhecimento sistematizado do jogo. A questão de poder segurar a bola é somente uma estratégia facilitadora do processo, pois para os alunos o interessante era ir passando a bola para os outros, só perdia o ponto se ela caísse no chão ou na estratégia de atacar a equipe jogasse a bola para fora. Os fundamentos do voleibol podem ser ensinados em qualquer série de ensino, respeitando os estágios de desenvolvimento da criança para a vivência dos princípios técnicos – táticos, desde que a formação do conhecimento seja sistematizada e contextualizada. Encontramos momentos exclusivos de interação do grupo envolvido numa brincadeira, e também essa brincadeira foi encarada como “brincadeira séria” devido à organização espacial para que todos participassem na proposta, e não seriedade que acarreta vitória sobre o adversário. Notamos que no decorrer das aulas houve um progresso dos fundamentos técnicos do jogo, englobados numa perspectiva coletiva que proporcione entrosamento. Com isso o mesmo autor afirma que a exercitação da técnica em determinadas situações de jogo, abre possibilidades de haver um salto qualitativo devido à superação dos erros da execução.

Soares et al (1992) nos afirma que erro/acerto, coletividade, valores éticos e morais e domínio dos fundamentos, são fatores que encaminham à um salto qualitativo no processo pedagógico que permite também a utilização de outras técnicas, táticas, espaços físicos, dentre

outros. Essa experiência vivida nesse processo pedagógico nos fez perceber que a coletividade que englobava sobre o domínio técnico nos proporcionou uma visão em relação o aluno, percebendo que estes tinham uma autonomia de propor sugestões e juízos morais, valorizando sua expressão corporal recriando seus fundamentos e sistemas táticos de jogo, ou seja, a cada aula houve um desenvolvimento da autonomia e protagonismo dos alunos, pois iam criando uma concepção de jogo com características de jogo voltadas para o grupo, auxiliando seus colegas na recriação do jogo e assimilação dos elementos técnicos – táticos. Também houve um progresso evolutivo na construção do conhecimento sistematizado dos elementos vividos pelos alunos durante o processo pedagógico, pois os elementos construídos apresentaram uma escala evolutiva em relação ao conhecimento teórico vivenciado.

Notamos que no decorrer das aulas houve um progresso dos fundamentos técnicos do jogo, englobados numa perspectiva coletiva que proporcione entrosamento.

Conclusões

Verificou-se em nossa pesquisa que a tendência crítico-superadora foi viável para a construção do processo pedagógico do ensino de voleibol. Durante o transcorrer da pesquisa de campo e através dos instrumentos de coleta, pudemos identificar os momentos pedagógicos aparecendo: o diagnóstico da realidade, os atos judicativos em relação aos elementos prejudiciais ao grupo e as transformações sugeridas pelos estudantes. A filmagem registrou todos esses acontecimentos que surgiram inclusive falas que foram essenciais contribuindo para a visualização das categorias de análises. Os resultados mostraram que ao longo do processo pedagógico os alunos compreenderam o conteúdo que foi vivenciado dando importância ao contexto coletivo de jogo e utilizando e incorporando as técnicas empregadas. O jogo de voleibol foi construído de forma contextualizada, a partir das necessidades e possibilidades do grupo de estudantes.

Referências Bibliográficas

SAYÃO, Marcelo Nunes; MUNIZ, Neyse Luz. A Constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Pensar A Prática**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 7, p.187-203, jul/dez 2004. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=O+PLANEJAMENTO+NA+EDUCA%C3%87%C3%83O+F%C3%8DSICA+ESCOLAR:+UM+POSS%C3%8DVEL+CAMINHO+PARA+A+FORMA%C3%87%C3%83O+DE+UM+NOVO+HOMEM++pdf&source=web&cd=2&ved=0CDUQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.revistas.ufg.br%2Findex.php%2Ffef%2Farticle%2Fdownload%2F95%2F90&ei=MqhST461PMmKgwelm8HIDQ&usg=AFQjCNEuT29SWIt9g2rG4Czuy0rwM5dxvg&sig2=13SCKDLyCbOLDFqf-0pQfA>>. Acesso em: 9 jan. 2012.

SOARES et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.